
Entre a superstição e o ritual: elementos para compreensão de gestos repetitivos no esporte

*Bianca Silva,
Katia Rubio*

Resumo

Este trabalho teve como objetivo ressaltar as diferenças entre ritual, superstição e crença através de uma revisão bibliográfica - de uma forma simplificada e usando um viés antropológico e sociológico, crenças são comportamentos gerados pela vivência que o indivíduo teve (Pajares, 1992); rituais são interações entre grupos sociais ou culturais (Bell, 1992); e superstições são gestos repetitivos que, no esporte, podem acontecer pré-performance, e podem ser consideradas resultado de uma crença. A superstição no esporte em especial pode sofrer influências de inúmeros fatores tanto como envolvimento no esporte, gênero, cultura e modalidade.

Palavras-chave: superstição, ritual, gestos repetitivos, psicologia do esporte.

Between superstition and ritual: elements for understanding repetitive gestures in sport

Bianca Silva, Katia Rubio

Abstract

This article had as objective highlight the differences among the conceptions of ritual, superstition and belief - in a simplified way through an anthropologic and sociologic point of view, belief are behaviors generated by the person's life; rituals are interactions between social groups or cultures; and superstitions are repetitive actions that, in this case, happen before a performance, and can be influenced by result of a belief. Superstition in sport, in special, can suffer influence of many factors such as involvement in the sport, gender, culture and modality.

Key-words: superstition, ritual, repetitive actions, sport psychology.

Entre la superstición y el ritual: elementos para la comprensión de gestos repetitivos en el deporte

Bianca Silva, Katia Rubio

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo resaltar las diferencias entre las concepciones de ritual, superstición y creencia: de manera simplificada desde un punto de vista antropológico y sociológico, las creencias son conductas generadas por la vida de la persona; los rituales son interacciones entre grupos sociales o culturas; y las supersticiones son acciones repetitivas que, en este caso, suceden antes de una actuación y pueden verse influidas por el resultado de una creencia. La superstición en el deporte, en especial, puede sufrir la influencia de muchos factores, como la participación en el deporte, el género, la cultura y la modalidad.

Palabras-clave: superstición, ritual, acciones repetitivas, psicología del deporte.

Introdução

O ambiente esportivo competitivo pode ser um agente desencadeador de ansiedade, a depender de como o atleta gerencia as demandas que dele advém. Na busca do controle das emoções geradas nesse contexto são utilizadas estratégias de ordem cognitiva e afetiva, cujas origens não estão necessariamente relacionadas ao evento competitivo em si, mas à suposição de que por meio dessas ações o sucesso acontecerá. Esse processo pode ser entendido como crença, ritual ou superstição, e mais do que um gesto religioso ele se fundamenta histórica e socialmente, apontando para práticas culturais e, em alguns casos, transmitidas como tradição de geração para geração de atletas de um clube ou mesmo de uma modalidade esportiva (Gregory & Petrie, 1975).

A busca de apoio para a realização de uma ação altamente significativa como o final de um campeonato ou a conquista de uma medalha leva o atleta a buscar apoio no sentido de lidar com a excessiva demanda emocional e social sobre si, relacionada com seu desempenho (Womack, 1992; Schippers & Van Lange, 2006).

A repetição da rotina realizada em eventos bem-sucedidos no passado leva a criação de hábitos pessoais que envolvem vestes, gestos, pensamentos, cuja finalidade é extrair dessas experiências o mesmo resultado experimentado em outras circunstâncias. O encadeamento dessas ações leva a produção de crenças, rituais e gestos repetitivos denominados superstição, ou seja, uma prática simbólica, cuja finalidade é depositar em um ato mágico a responsabilidade pela solução de um problema concreto (Buhrmann & Zaugg, 1983; Womack, 1992; Schippers & Van Lange, 2006).

No esporte essas práticas podem ser observadas na repetição sistemática de uma peça de roupa, na sequência de gestos usados para realizar movimento ou no uso de frases e gestos que induzem a uma imagem mental. Quando essas ações eram realizadas ao longo de uma competição, apenas os atletas diretamente envolvidos e seus adversários diretos partilhavam desse momento mágico. Com o advento das transmissões ao vivo, esse gesto, antes privado, passou a ser divulgado, partilhado e analisado pelo público que deseja entender não apenas o significado daquilo, como também de sua eficácia.

Levada a uma maior audiência e população, a concepção de crença, ritual e superstição acabam sendo confundidas ou vistas como sinônimos. Através deste artigo esse ponto será tratado ao fim de definir estes três tópicos para melhor entender suas semelhanças e diferenças, pois é entendido que cada um deles são manifestações específicas e particulares.

O objetivo desse artigo é discutir os rituais, crenças e superstições envolvidas em competições esportivas a partir de um referencial sociocultural utilizando a psicologia, sociologia e antropologia.

Métodos

Este trabalho se propõe a fazer uma revisão bibliográfica sistemática da literatura existente, com finalidade de discutir rituais, crenças e superstições. Para a superstição haverá um foco em encontrar semelhanças e diferenças sobre antigas concepções, apontando como esse constructo, no princípio tomado como psicológico, desloca-se para uma condição social. Foram usadas 27 referências (livros e artigos, encontrados em inglês e português), que variaram desde 1970 até 2014, achados através de palavras

chaves como superstição esportiva, rituais (esportivos) e crenças no scholar google e na bibliografia dos mesmos.

Resultados e discussão

Crenças

Para Pajares (1992) crenças influenciam o indivíduo a dar sentido ao mundo, ou seja, no conhecimento cognitivo, que são criados através de processos de construção social e enculturação - nessa transmissão cultural há três componentes: enculturação (todas os elementos culturais que sofreram alguma transformação), educação (formal ou informal, tem o papel de trazer à tona um comportamento esperado pela cultura) e escolarização (aprendizado que acontece fora de casa).

Em torno disso, cada pessoa cria sua própria crença, vinculando-se em comportamentos (até inconscientemente), existindo uma relação entre estes, práticas educativas e desenvolvimento infantil (Melchiori e col., 2007) - teoria suportada por Palácios (1990, p.152) que propõe:

Essas definições, semelhantes a outros processos cognitivos complexos, têm uma base cultural histórica e podem variar conforme as condições de vida e com o acesso do indivíduo ao conhecimento.

Crenças são ideias e convicções a respeito de temas que se revelam, conscientemente ou não, na atitude das pessoas. Funcionam como mediadoras do comportamento, sejam elas baseadas em uma realidade objetiva ou subjetiva, real ou percebida (Paiva & Del Prette, 2009). Elas crescem através de eventos antigos que deixaram uma forte impressão na compreensão de eventos subsequentes (Nespor, 1987).

O sistema de crenças está diretamente relacionado aos valores culturais de um dado grupo social e submete-se a constante transformação à medida que sofre as constantes influências dos agentes sociais, que as individualiza e reconstrói, alterando o curso de seu entendimento em uma relação indireta envolvendo rituais, práticas educativas, comportamentos e atitudes (Bronfenbrenner, 2005; Harkness e cols., 2006)

É constatado por Nespor (1987) e Brophy (1985) que crenças influenciam mais que o conhecimento na hora de determinar e organizar tarefas, e predizem mais o comportamento.

Jahoda (1970, p. 167) afirma que uma crença ou prática rotulada como supersticiosa pode estar "intimamente atada aos modos fundamentais de pensar, sentir e, em geral, de reagir ao nosso meio". A transformação desse tipo de conhecimento e tradição favorece a ampliação do campo simbólico no qual ela é produzida e essas crenças não são fixas, por serem intimamente atadas ao indivíduo, conseqüentemente a aquisição de novas informações podem causar mudanças e alterações (Pollock & Gillies, 2000).

Rituais

Ritual é um tipo de junção crítica entre grupos opostos sociais ou culturais (Bell, 1992), um fenômeno que fortalece o que já há de comum

(Peirano, 2003). O termo surgiu no século 19 para identificar o que era considerado uma 'categoria da experiência humana', com a criação de uma nova forma de comparar a cultura (principalmente europeia) a outras. Desde então, pesquisadores encontraram outras formas de estudar o ritual - para descrever e analisar a religião e sociedade.

A caracterização do ritual pode ser dada como uma estrutura que sofre sets de relações entre inúmeros e variáveis fatores - no ritual, a lógica é promulgada e corporificada em jeitos únicos (Rappaport, 2000).

Para Peirano (2003) o ritual é algo que não é 'fossilizado, imutável, definitivo', ou seja, pode ser usada para várias finalidades - com a diferença em conteúdo e criatividade às alterando. Em seu livro, ela usa o carnaval e a marcha política para mostrar como isso ocorre - com a passagem de tempo alterando os rituais em si. Para relacionar ao conteúdo que tratamos, o esporte, é possível usar essa exemplificação com a ajuda de Anthony King.

Rappaport (2000) fala que no esporte, o ritual não pode ser considerado pela incerteza da vitória ou perda - enquanto que o ritual, em si, tem a finalidade de unir dois grupos separados. Esse pensamento é rebatido por King (2014) que usa a junção de grupos sociais econômicos, o encontro de várias classes, para um espetáculo (sendo ele o esporte) como um ritual - "os jogos (combates de gladiadores na Roma antiga) comunicavam entendimentos sociais fundamentais e eram uma expressão da ordem social hierárquica." e por ambos terem a mesma finalidade, ganhar.

Para fortalecer o argumento é possível usar os níveis de interação fundamentais para um ritual, mencionados por Alexander & Smith (2005): 1. um grupo com no mínimo 2 pessoas presentes fisicamente; 2. foco no mesmo objeto ou ação, e cada estando ciente que o outro está mantendo foco; 3. compartilhamento de um sentimento ou humor comum.

Os membros do grupo precisam sentir um sentimento de associação, através de experiências compartilhadas, o que causa um senso de obrigação para um ao outro, que é simbolizado através de algo que eles focam na interação - referido como energia emocional por Collins, mas identificado como força moral por Durkheim. O esporte disponibiliza ou fornece o local para ocorrer esses rituais (King, 2014).

Mas, o mais importante, seria o fato de o ritual ser considerado um ponto crucial para entender as dinâmicas de cultura, com uma nova visão de conceito sociológico e uma categoria universal de vida social - o que coincide com o crescimento da ideia de cultura ser uma categoria a se analisar, constantemente usado para descrever apropriação, transformação ou integração de culturas.

Ritual é descrito como uma ação feita sem pensamento, ou seja, de hábito ou rotineira, diferindo de crenças ou mitos vistos como conceitos mentais que inspiram, dirigem ou promovem uma atividade, mas elas próprias não são consideradas atividades. Eles são usados para passar e compartilhar conhecimentos e valores, o que mostra as relações sociais de tal grupo, ele também pode atar a resolver conflitos com o compartilhamento (Peirano, 2003).

Superstição

A superstição recebe uma definição em dicionários (Houaiss, 2001) como:

superstição (...) 2. crença em presságios e sinais, originada por acontecimentos ou coincidências fortuitas, sem qualquer relação comprovável com os fatos dos quais se acredita prenúncio.

Pode ser um tanto equivocada, mas traz a tona como a superstição é considerada uma forma de crença - pela crença surgir graças a eventos antigos, que acabam deixando forte impressões e assimilação para o acontecimento seguinte e serem reveladas no comportamento, portanto é possível considerar a superstição um comportamento ou ação vinda de tal.

Para Askevis-Leherpex (1990, p.92) há duas formas de superstição: a qual ocorre através de objetos, divindades, espíritos e outra que se encontra no acontecimento de imprevisibilidades, focando no surgimento de sorte ou na evitação de azar - ou seja, por exemplo, não passar embaixo de uma escada por ouvir que isso 'dá azar'.

Estudos realizados sobre superstição, cujo objetivo era a busca da razão e o por quê dessas ações, tiveram como conclusão que: esse tipo de costume se dá para combater a ansiedade, tentar manter o controle e a importância do sucesso na influência desse comportamento (Womack, 1992; Schippers & Van Lange, 2006). Observa-se também que, em certo sentido, a religiosidade também está envolvida nessa situação (Buhrmann & Zaugg, 1983).

No esporte, há pesquisas que contradizem esse ponto de vista, afirmando que a atuação desses movimentos repetitivos não se dão exatamente para combater a ansiedade ou para oferecer a sensação de mais controle sobre a situação, e sim pela a personalidade do atleta, levando à conclusão de que essas ações são individuais, próprias de cada um (Bleak, Jared L & Frederick, Christina M., 1998), e se manifestam até no pensar 'por que não?' e 'e se?' ao ver colegas do time usarem esse tipo de preparação pré-jogo (Burger & Lynn, 2010).

Uma outra hipótese é a de envolvimento no esporte (Buhrmann & Zaugg, 1982), como é possível ver no estudo de Neil, Anderson & Sheppard (1981) onde entre os 6 grupos (time varsity masculino, time varsity feminino, time intramural masculino e time feminino intramural) ambos times masculinos tiveram um maior número de superstições.

O que entra em um ponto crucial no que diz respeito a esses estudos, o de o esporte ser visto principalmente como uma atividade do universo masculino e uma área profissionalizante para homens. No caso de hóquei, vale destacar que a primeira liga feminina profissional, ou seja, que paga efetivamente algum provento para as atletas teve início apenas em 2015 (e mesmo assim o pagamento não sendo suficiente para as atletas se dedicarem apenas ao esporte, muitas necessitando um trabalho a parte para se sustentar). Já a NHL (National Hockey League) foi fundada em 1917 e seus jogadores recebem o mínimo de 525 mil dólares por ano.

A diferente perspectiva profissional para meninos e meninas afeta diretamente o estímulo e o incentivo recebidos durante todo o processo de formação - algo que explicaria a diferença no envolvimento de algum esporte, por ser um ambiente que meninos recebem mais suporte desde criança. Seus anos de práticas e familiaridade com a cultura do esporte e o esporte em si acabam sendo maiores que os das meninas, onde é encontrada uma maior resistência. Isso é possível perceber por meio das inúmeras histórias que se ouve de jogadoras, como, por exemplo, a necessidade de se esconderem para jogar ou ainda a atitude agressiva de pais que chegavam a surrar algumas filhas que desejavam se dedicar a alguma modalidade esportiva.

Segundo Buhrmann & Zaugg (1981), essas ações repetitivas são algo que se aprende. Ao longo dos anos e do crescente envolvimento com o esporte, o atleta passa cada vez mais a pertencer a um grupo fechado e elitista, com sua própria cultura, entrando mais em contato com as peculiaridades de seus colegas - o que ocasiona esse maior número de superstição com o decorrer dos anos e da idade.

Há indícios de que a superstição pode ser usada como uma forma de combater o medo de se machucar, conforme pesquisa realizada com ginastas (Magyar & Chase, 1996)

Superstição e prática esportiva.

Conforme descrito anteriormente, pesquisas notam como a superstição é algo individual, e se manifesta conforme a personalidade da pessoa. Essa condição pode ser percebida com mais intensidade nas motivações que levam a se adotar uma superstição, ou seja, se ela é coletiva (se é para o time), ou se é individual, sobre rendimento de si mesmo.

Esses dados podem ser encontrados nos estudos realizados com jogadores de beisebol americanos e japoneses (Burger & Lynn, 2010), com os quais foi aplicado um questionário cujo objetivo era estabelecer a relação entre suas ações pré-competitivas e o rendimento no jogo. Os japoneses apresentaram uma mentalidade conjunta onde as ações eram feitas com a finalidade de melhorar o rendimento do time, e não o seu próprio; enquanto a superstição dos jogadores americanos havia o propósito de melhorar seu desempenho pessoal. Isso comprova como uma cultura conhecida por ser individualista - a americana - e uma cultura conhecida por ser coletiva - a japonesa - influenciaram nesses atos repetitivos.

Isto deixa a tona como o grupo social que o indivíduo se encontra influência em suas ações, por ser algo próprio. Sua cultura e com quem ela convive tem fortes relações na forma que suas superstições irão se manifestar e com qual finalidade.

Diferença entre esportes individuais e coletivos

Como mencionado acima, o grupo social influencia as ações repetitivas, conseqüentemente, o tipo de esporte praticado, ou seja, se é um esporte coletivo, individual ou até mesmo o esporte em si fazem parte dessa vertente.

Segundo Gregory & Petrie (1975) atletas de times têm ações mais relacionadas a equipamento (e seu uso), ordem de entrar na arena, atividades no vestiário, rituais repetitivos. Já atletas de esportes individuais dão uma maior ênfase em amuletos/talismãs, número de pista ou raia da sorte, gritos de equipe, e gestos religiosos (fazer sinal de cruz). Em alguns esportes foi encontrado ações particulares a si, como por exemplo: no hóquei, as ações são mais ligadas ao equipamento, ordem e posição do jogador; no basquete, mais ligado a última cesta no aquecimento; no vôlei, mais relacionado a comida; na natação, a cor da vestimenta; no atletismo, a roupa, número da lona; e com tênis, se dá ao clima e bolas da sorte.

Há estudos ainda que buscam saber onde há uma maior concentração de ações repetitivas pré-competitivas, chamadas de superstição. No estudo de Bleak & Frederick (1998) concluiu-se que ginastas faziam mais rituais supersticiosos do que atletas de futebol americano e atletismo, dado ao fato de ginástica ser um esporte mais individualista com maior peso na performance e concentração, causando então um maior número de ações supersticiosas.

Esse levantamento de dados é rebatido tanto por Flanagan (2013) quanto Burhmann, Brown & Zaugg (1982), em cujas pesquisas aponta-se que atletas de modalidades esportivas coletivas tiveram um maior número de ações supersticiosas.

Diferença entre gêneros

Observa-se que ao longo dos anos há uma tendência a destacar se as ações repetitivas além de serem afetadas pela cultura e tipo de esporte, também eram influenciadas pelo gênero.

Essa espera do surgimento de estudos feitos especificamente sobre mulheres ou comparando os gêneros, pode ser dado pela demora que se teve na aceitação da prática esportiva feita por mulheres. É apenas lembrar que mulheres só foram aceitas nos jogos olímpicos em 1932 e mesmo assim não eram em todas as modalidades. Em 1965, no Brasil, mulheres foram proibidas a fazer qualquer luta, futebol (tanto de salão, campo ou praia), polo, rugby e basebol.

Tais acontecimentos mostram uma exclusão inicial a mulheres no espaço esportivo, estudos mais antigos afirmam ser as mulheres mais supersticiosas, ligadas à aparência (relacionado a sociedade), enquanto os homens tem uma superstição mais ligado ao 'esporte', como equipamentos.

Mas, assim como nos outros tópicos, esses resultados foram rebatidos por outros estudos - como de Flanagan (2013); Wright & Erdal (2008); Burhmann, Brown & Zaugg (1981, 1982); Neil, Anderson & Sheppard (1981) que apontam que não há diferença entre os sexos. O que produz mais superstição é o nível de envolvimento no esporte e o nível do atleta, ou seja, jogadores com uma maior habilidade ou talento tem uma maior probabilidade de sofrer algum tipo de ação repetitiva, sendo uma teoria consistente com a de Brown & Todd (2003). Neil, Anderson & Sheppard (1981) apontam que os jogadores varsity masculino foram o grupo com maior número de ações consideradas supersticiosas.

Superstição, crença e ritual

O ambiente esportivo pode ser considerado um local para atividades ritualísticas, os jogos sendo um exemplo pelo encontro de dois grupos distintos com a mesma finalidade - a vitória. Enquanto o gesto repetitivo conhecido como superstição é uma manifestação específica de crença.

Através de todos esses estudos a respeito das razões da manifestação de ações repetitivas, observa-se uma preocupação sobre a percepção dos atletas quanto ao efeito desses rituais e, surpreendentemente, foi descoberto que a maior parte não percebe qualquer diferença ou se percebe alguma não é considerável (Burger & Lynn, 2010; Flanagan, 2013).

Considerações finais

É possível notar as diferenças que se tem entre ritual, superstição e crença - em uma forma mais simplificada, crenças são mediadores de comportamentos gerados pela vivência que o indivíduo teve; rituais são interações entre grupos sociais ou culturas com uma mesma finalidade; e superstições são gestos repetitivos que, neste caso, acontecem pré-performance.

O que se pode observar concretamente é a influência da cultura e a vivência nesses três elementos o que os torna algo muito individual a todos.

Um dos fatos que ficou mais visível ao longo do trabalho é que há muitos artigos contrariando um ao outro e uma alteração na visão da superstição entre autores, de um lado psicológico (relacionado a ansiedade e necessidade de controle) para um lado social (relacionado ao envolvimento que se tem ao esporte, time e cultura).

A situação histórica não só influencia os resultados obtidos, mas assim como que tipo de pesquisas serão feitas. A ascensão do feminismo, na década de 60 e 70, trouxe à tona artigos sobre a diferença de gênero - a leitura das informações adquiridas sofrem com a visão da época, muito deles comentam como a superstição de mulheres é relacionada a aparência, mas, quando esse mesmo comportamento foi encontrado entre os homens cujas maiores superstições estão relacionadas a vestimenta (terno e gravata), nada foi discutido, ou essa questão foi vista como 'indiretamente relacionado a negócios' e 'ligado a aspectos do esporte' (Gregory & Petrie, 1972).

Conforme demonstrado acima, é controversa a discussão acerca de ações repetitivas, uma vez que elas são altamente subjetivas, como foi dito anteriormente. No esporte, muitas vezes o atleta pode não perceber o que está fazendo e considerar apenas uma rotina. Vários artigos mencionam o repúdio de certos atletas em expor as suas ações supersticiosas por ser, principalmente, muito pessoal (por isso que, por exemplo, a pesquisa com os times de baseball foi feita anonimamente).

Tais contradições também são possíveis se ver em relação a rituais com parte de uma visão mais psicológica (Rappaport) para a antropológica, onde o psicólogo teve uma relutância em admitir o esporte como uma outra forma de ritual.

Para uma futura extensão da pesquisa com a finalidade de mostrar o alcance da superstição no esporte seria a consideração da influência da mídia na propagação desse ato - como foi mencionado anteriormente, superstições são muito particulares, envolvidas com o ambiente e o meio que a pessoa vive. A divulgação desses gestos feitos por atletas pode ser uma explicação no fato de isso não ficar só com atletas, mas passar para outros que não fazem exatamente parte do jogo.

Não é difícil ouvir ou encontrar histórias de fãs que, no dia de um jogo importante, vestem sua camiseta da sorte ou não vão ao banheiro no meio do jogo, pois pode dar 'má sorte'. Mas o mais peculiar é isto alcançar os anunciadores.

Um bom exemplo seria com os locutores de hóquei, neste esporte há uma certa superstição que se você mencionar ou apenas falar a palavra shutout (que significa não ter sofrido nenhum gol), ele irá acabar - o que ocasiona com até os anunciadores evitando falar essa palavra até o final do jogo. Tudo isso para não ocorrer o que ocorreu em um jogo do Vancouver Canucks contra Colorado Avalanche, quando nos últimos segundos do último tempo, o comentarista John Garrett, menciona o shutout 3 vezes - que em contraponto 'causou' o jogo a terminar com um gol para Avalanche e o shutout acabado.

Referências

- Alexander, J. C., & Smith, P. (Eds.). (2005). *The Cambridge Companion to Durkheim*. Cambridge University Press.
- Askevis-leherpeux, F. (1990). *A superstição*. São Paulo: Ática
- Bell, C. (1992). *Ritual theory, ritual practice*. Oxford University Press.
- Buhrmann, H. G., & Zaugg, M. K. (1981). Superstitions Among Basketball Players An Investigation of Various Forms of Superstitious Belief and Behavior Among Competitive Basketballers at the Junior High School to University Level. *Journal of Sport Behavior*, 4(4), 163.
- Buhrmann, H., Brown, B., & Zaugg, M. (1982). Superstitious beliefs and behavior: A comparison of male and female basketball players. *Journal of Sport Behavior*, 5(4), 175.
- Burger, J. M., & Lynn, A. L. (2005). Superstitious behavior among American and Japanese professional baseball players. *Basic and Applied Social Psychology*, 27(1), 71-76.
- Bleak, J. L., & Frederick, C. M. (1998). Superstitious Behavior in Sport: Levels of Effectiveness and Determinants of Use in Three Collegiate Sports. *Journal of Sport Behavior*, 21(1), 1-15.
- Brophy, J. (1985). Teachers' expectations, motives, and goals for working with problem students. In: AMES, A.; AMES, C. (eds) *Research on motivation in education*, New York: Academic Press, 2, 175-213, 1985.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. California: Sage Publications.
- Flanagan, E. (2013). *Superstitious ritual in sport and the competitive*

anxiety response in elite and non-elite athletes. Dublin Business School

Gregory, C. J., & Petrie, B. M. (1975). Superstitions of Canadian intercollegiate athletes: An inter-sport comparison. *International Review of Sport Sociology*, 10(2), 59-68.

Gregory, C. J., & Petrie, B. M. (1972). Superstition in Sport. Paper presented at the Fourth Canadian Psychomotor Learning and Sports Psychology Symposium, University of Waterloo, Oct. 23 through 25, 1972

Harkness, S., Moscardino, U., Bermúdez, M. R., Zylicz, P. O., Welles-Nyström, B., Blom, M., ... & Super, C. M. (2006). Mixed methods in international collaborative research: The experiences of the international study of parents, children, and schools. *Cross-Cultural Research*, 40(1), 65-82.

Houaiss, Antônio & Villar, Mauro de Salles (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 200.

Jahoda, G., & Caixeiro, N. C. (1970). *A psicologia da superstição*. Paz e Terra.

King, A. (2014). Os rituais no esporte. *Estudos de sociologia*, 2(14), 17-42.

Magyar, T. M., & Chase, M. A. (1996). Psychological strategies used by competitive gymnasts to overcome the fear of injury. *Technique*, 16(10), 1-5.

Melchiori, L. E., Alves, Z. M. M. B., Souza, D. C., & Bugliani, M. A. P. (2007). Família e creche: crenças a respeito de temperamento e desempenho de bebês. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 245-252.

Neil, G., Anderson, B., & Shappard, W. (1981). Superstitions among male and female athletes of various levels of involvement. *Journal of Sport Behavior*, 4(3), 137.

Nespor, J. (1987). The role of beliefs in the practice of teaching. *Journal of curriculum studies*, 19(4), 317-328.

Schippers, M. C., & Van Lange, P. A. (2006). The psychological benefits of superstitious rituals in top sport: A study among top sportspersons. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(10), 2532-2553.

Paiva, M. L. M. F., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Crenças docentes e implicações para o processo de ensino-aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 75-85.

Pajares, M. F. (1992). Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct. *Review of educational research*, 62(3), 307-332.

Peirano, M. G. (2003). *Rituais ontem e hoje* (Vol. 24). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Pollock, J. L., & Gillies, A. S. (2000). Belief revision and epistemology. *Synthese*, 122(1), 69-92.

Wright, P. B., & Erdal, K. J. (2008). Sport superstition as a function of skill level and task difficulty. *Journal of Sport Behavior*, 31(2), 187-199.

Sobre o autor

Bianca Silva

EEFE - Universidade de São Paulo (USP) - (Brasil)

Katia Rubio

EEFE - Universidade de São Paulo (USP) - (Brasil)

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Katia Rubio

Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte da USP, Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. Av. Prof. Mello Moraes, 65 – Butantã - 05508900 - São Paulo, SP – Brasil

E-MAIL

katrubio@usp.br

TELEFONE

(11) 39013135